

Este texto corresponde à publicação em papel com a seguinte citação:

Teixeira, José (2018). “As cores dos provérbios: significado linguístico e sinestesia”, in *Proceedings/ Actas ICPI7, 11º/11th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios*, Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP), Tavira, pp. 380-391 (ISBN 978-989-98685-8-8) outubro 2018.

AS CORES DOS PROVÉRBIOS: SIGNIFICADO LINGUÍSTICO E SINESTESIA

José Teixeira,
CEHUM-Universidade do Minho (jsteixeira@ilch.uminho.pt)

Resumo

A Linguística Cognitiva procura ver uma língua natural como uma janela para a mente. Os usos das línguas interessam, assim, para, na investigação científica, procurar descobrir-se como funciona a mente humana.

Dado que, na perspetiva cognitiva, o significado linguístico é a base fundacional da organização da linguagem natural, tentar perceber como funciona o significado permitirá entrever como funciona a mente. Assim, esta comunicação pretende mostrar que os provérbios acionam variadas estruturas de significado, quer a nível lexical, quer a nível frásico, que implicam não apenas as palavras que os compõem mas modelos mentais complexos. Dentro desses modelos mentais que os provérbios evocam, as sinestésias de cor parecem funcionar como indicadores de múltiplas relações culturais e cognitivas para a constituição do modelo mental que cada provérbio aciona.

Através de algumas centenas de inquéritos que tiveram por base 9 dos mais conhecidos provérbios da língua portuguesa, feitos a falantes do Português Europeu e Português do Brasil, prova-se que os falantes identificam alguns provérbios com cores dominantes, enquanto outros apresentam uma paleta de cores mais diversificada; prova-se igualmente que as cores acionadas evidenciam padrões de coerência que nos permitem adivinhar interessantes aspetos do funcionamento do significado linguístico e da mente.

Palavras-chave: linguagem e cognição, significado linguístico, provérbios, sinestesia, termos de cor.

Abstract

Cognitive Linguistics seeks to see natural language as a window into the mind. Therefore language utterances have a great interest in scientific research to find out how human mind works.

In the cognitive perspective, linguistic meaning is the foundational basis of the organization of natural language, and trying to understand how it works allows us to see how human mind functions. Thus, this paper intends to show that proverbs activate a variety of meaning structures which imply not only the component words but also some complex mental models. Within these mental models evoked by proverbs, color networks seems to function as indicator of multiple cultural and cognitive relations for the constitution of the mental model that each proverb triggers.

Through hundreds of surveys (which involved thousands of answers) based on 9 of the best known proverbs, surveys answered by European Portuguese and Brazilian Portuguese speakers, we will try to prove that speakers identify a set of proverbs with some dominant colors, while other proverbs have a more diverse color palette; We will also show that the evoked colors evidence interesting patterns of coherence that allow us to guess relevant aspects of the functioning of linguistic meaning in human mind.

Key-words: language and cognition, linguistic meaning, proverbs, synesthesia, color terms.

1. Fenómenos de sinestesia: entre a dimensão psicológica e a retórica

Sinestesia é a designação com que se referem fenómenos em que perceções tradicionalmente ligadas a um sentido são atribuídas a um outro, alternativo. É da experiência comum que as cores se ligam aos objetos percebidos pela visão, enquanto os sons aos percebidos pela audição. Por isso, quando as sensações de cor são atribuídas a perceções auditivas (uma nota musical ser percebida como uma cor específica) ou

uma cor associada a uma tonalidade acústica, diz-se estar-se perante percepções sinestésicas:

Synaesthesia is a fascinating perceptual phenomenon in which certain stimuli elicit a sensation in two or more sensory modalities; for example, specific tones may automatically evoke the perception of particular colors. There are different kinds of linkages between sensory modalities, the most frequent being linkages of letters and digits (graphemes) with colors (Beeli et al. 2007:788)

Estas ligações invulgares têm sido sobretudo notadas e estudadas entre as cores e as letras ou números. Na literatura da Psicologia, os estudos sobre a sinestesia tendem a ver o fenómeno como decorrendo de cruzamentos cognitivos não normais e por isso é que se distinguem os cérebros “sinestetas” dos cérebros normais (“neural mechanisms for the processing of words in normal (non-synesthetes') brains.” Yokoyama et al. 2014: 361).

No entanto, dentro da retórica clássica, os exemplos de sinestesia sempre foram tidos como manifestação estilística da linguagem e incluídos nas noções de “figuras de estilo”. Ou seja, os exemplos linguísticos de sinestesia eram vistos como artifícios linguísticos (muito associados à literariedade e “função poética”) através dos quais a linguagem destacava figurativamente (daí “figuras de estilo”) determinadas formas de expressão. Uma *sinfonia de cores*, uma *cor pesada/leve*, um *som pesado/ leve/ escuro/ luminoso/ claro* demonstram a normalidade destes usos sinestésicos na comunicação linguística.

Contrapõem-se, portanto, dois campos: o da Psicologia que vê as sinestésias como fenómenos extremos de associações sensoriais inexplicáveis dentro da normalidade perceptiva e o das figuras da linguagem que tende a ver as referências sinestésicas da linguagem dentro da normalidade da imaginação criativo-referencial.

Nos últimos tempos, no entanto, um cada vez maior conhecimento sobre a cognição vem confirmando que as associações sinestésicas aparentemente muito desviantes podem decorrer de correlações cognitivas perfeitamente explicáveis e que justificarão a ideia de a sinestesia ter um papel tão bem aceite dentro da tradição linguística. Ou seja, a Psicologia começa a acreditar que a sinestesia não será apenas um fenómeno perceptivo extra-linguístico mas que interage com a estrutura linguística, sobretudo no domínio do significado:

Although synesthesia has been described as a perceptual phenomenon, recent studies began to focus on linguistic aspects of synesthesia.

One of the most interesting topics is a synesthetic color triggered by words (not letters). [...] Recent studies further reported the third case where lexical colors might be influenced by semantic information of words. (Yokoyama 2014: 360)

2. O papel das cores no funcionamento do significado

2.1. Os dados para analisar

Dentro da problemática até aqui explanada, tentamos perceber até que ponto, no funcionamento normal da linguagem, associamos cores específicas ao significado linguístico. Ou seja: a vertente das cores será uma vertente importante para o processamento do significado linguístico?

Obviamente que em palavras como *limão, árvore, céu, sangue, cereja* a dimensão [cor] dentro do respetivo significado é fundamental. Mas quando não há referencialidade a cores como por exemplo em conceitos mais abstratos?

Com a referida intenção, listaram-se 9 provérbios presentes no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB) que fossem muito conhecidos e usados e que não incluíssem palavras diretamente ligadas a cores. Em Portugal 573 inquéritos e no Brasil 270¹ (Figura 1).

Inquérito Nº _____ Idade: [] 16-25; [] 26-40; [] 41-60; [] 61 ou +

Se para cada provérbio tivesse que escolher uma cor, qual a cor mais adequada para cada um dos seguintes? (Pode repetir as cores; não é preciso serem sempre cores diferentes):

1. *Quem com ferro mata com ferro morre.* Cor adequada: _____
2. *Mais vale tarde do que nunca.* Cor adequada: _____
3. *Quem tudo quer tudo perde.* Cor adequada: _____
4. *Amor com amor se paga.* Cor adequada: _____
5. *O fruto proibido é o mais apetecido.* Cor adequada: _____
6. *Só a morte é que não tem remédio.* Cor adequada: _____
7. *Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.* Cor adequada: _____
8. *Filho de peixe sabe nadar.* Cor adequada: _____
9. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.* Cor adequada: _____

Figura 1: Folha de inquérito em Portugal

Os inquéritos foram conduzidos por alunos da Universidade do Minho em 2017. O inquirido depois de ouvir o provérbio dizia uma cor a que associava o respetivo significado. Nalguns casos (para o Português do Brasil) os inquéritos foram feitos *online*.

2.2. Algumas evidências a partir dos dados desta relação provérbios-cores evocadas²

2.2.1. Os provérbios, afinal, têm cores

Antes de mais, queríamos testar até que ponto um provérbio sem referência direta a cores as podia evocar de forma não aleatória. Para isso fizemos uma primeira análise dos resultados dividindo-os em 4 grupos: 1) um grupo constituído pelos primeiros 300

do Português Europeu (nos gráficos identificado como “primeiros”) e um segundo grupo com os 273 restantes (nos gráficos identificados como “últimos”). A totalidade referente ao PE e a totalidade dos do PB (270) constituíam os outros 2 grupos.

Os resultados provam, antes de tudo, que não são aleatórias as razões da atribuição de cores aos provérbios. Não apenas em um ou outro, mas em todos. E não apenas entre os dois grupos do PE, mas igualmente entre estes e o do PB. As cores preferidas em cada grupo de inquiridos, para cada um dos provérbios, são sistematicamente dominantes, nos outros grupos, para o mesmo provérbio.

Vejam-se os resultados para os provérbios 5. e 7.³ (Figuras 2., 3., 4. e 5.)

A primeira conclusão a tirar é a de que eles revelam uma ligação inesperadamente constante entre o significado do provérbio e o acionamento das cores.

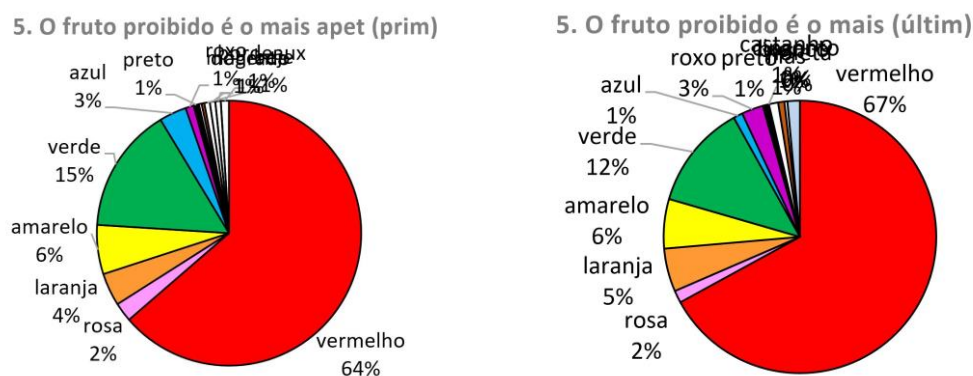


Figura 2: Prov. 5 -primeiro grupo e segundo grupo de inquiridos

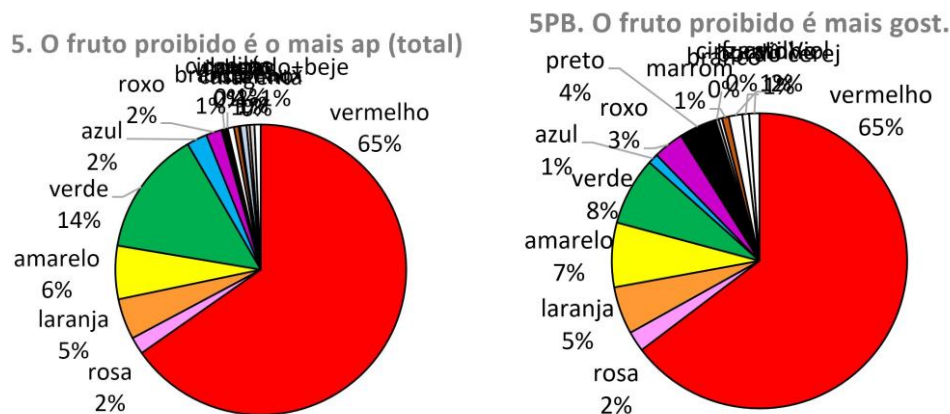


Figura 3: Prov. 5-total do Português Europeu e total do Português Brasileiro

Neste provérbio 5. (*O fruto proibido é o mais apetecido/ gostoso* para o PB) a sistematicidade de resultados vai a níveis quase de coincidência completa. É por isso absolutamente inverosímil pensar-se que o acionamento das cores para o provérbio é feito aleatoriamente, mas tem de concluir-se que tal acionamento resulta da semântica do próprio provérbio.

Poder-se-ia, contudo, argumentar que o vermelho é a cor mais prototípica e saliente e que, portanto, não será de estranhar que seja a mais referida neste e em todos os casos em que não há justificações referenciais para a atribuição de cores⁴.

No entanto, vendo a totalidade dos resultados, comprova-se a nulidade deste argumento, já que havendo coincidência de resultados para cada provérbio há enorme diferença das paletas de cores para cada um. Contrastem-se os gráficos apresentados do provérbio 5. (Figuras 2. e 3.) com os relativos ao provérbio 7. (Figuras 4. e 5.).

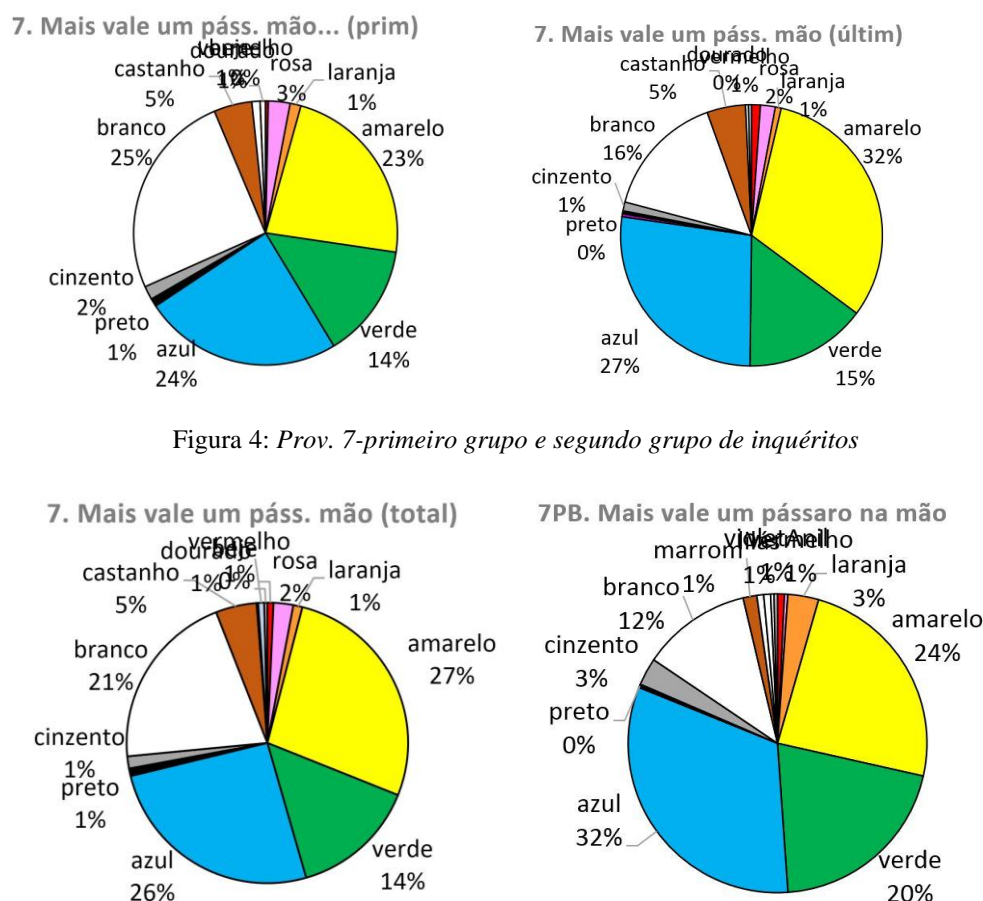


Figura 4: Prov. 7-primeiro grupo e segundo grupo de inquéritos

Figura 5: Prov. 7-Total do Português Europeu e total do Português Brasileiro

Aqui o vermelho é irrelevante (entre 0% e 1%), sendo este nitidamente um provérbio de uma outra paleta de cores.

2.2.2. Os clusters semânticos das cores são essenciais no processamento do significado

Se cada provérbio aciona uma específica paleta de cores, tal implica que cada cor está ligada a uma rede de significados e valores acionados aquando da interpretação do provérbio.

Sirva de exemplo a cor talvez mais significativa, o vermelho.

Através das nossas correlações experienciais (Grady 1997) vamos associando o vermelho ao sangue (a sua cor), à temperatura alta (o fogo é avermelhado), ao aumento da nossa temperatura corporal (quando ficamos mais corados, sentimos que a temperatura subiu) e esta à percepção das emoções intensas (quando estamos muito excitados emotivamente, sentimo-nos “aquecer”). Por sua vez, estas vertentes inter-relacionam-se com outras: o sangue é associado à vida, aos ferimentos e luta e portanto ao perigo; por estar associado ao aumento de temperatura corporal e às emoções fortes é conectado com o amor, sedução e sentimentos intensos; a sua associação a realidades perigosas acarreta-lhe os valores de desafio, luta, risco, comportamentos arriscados e proibidos.

Propusemos, assim, para o vermelho, um esquema que pudesse explicar os valores acionados por estes 9 provérbios (Figura 6).

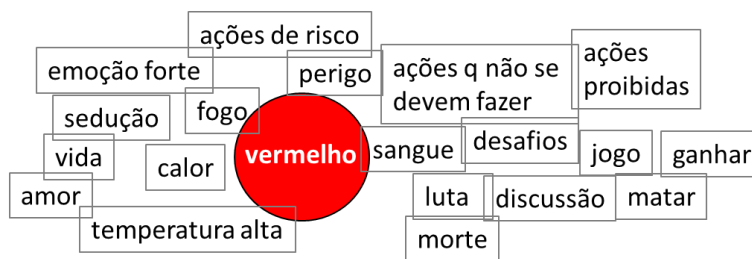


Figura 6

Mas, para estes 9 provérbios, nem todas as cores implicam uma rede tão complexa. Para o verde, por exemplo, os valores explicativos são mais simples (Figura 7).

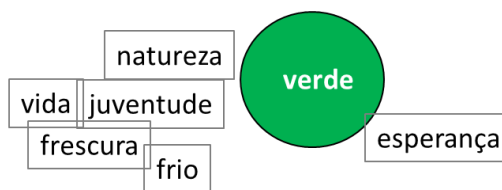


Figura 7

Assim, elaborámos uma rede para cada uma das 11 cores focais (Berlin e Kay 1969), que efetivamente os inquéritos parecem provar serem as cores cognitivamente mais salientes, já que foram, de longe, as mais referidas⁵ (Figura 8).

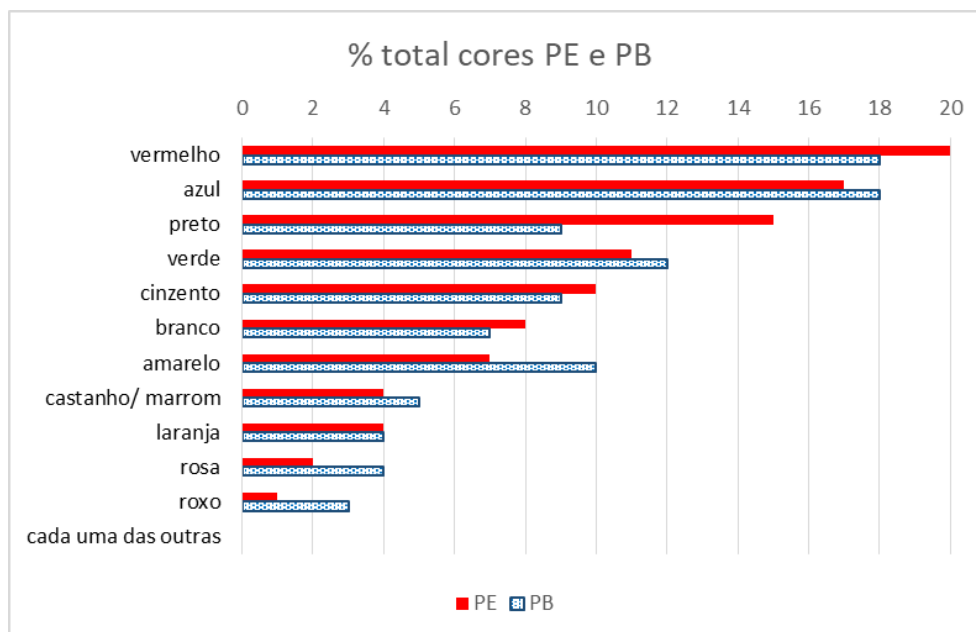


Figura 8

2.2.3. Por que é que estes 9 provérbios têm cores?

Analisados os resultados para os provérbios referidos⁶, variadas e muito interessantes evidências ressaltam (tenha-se sempre em atenção que estes 9 provérbios não referem diretamente realidades imediatamente associadas a cores).

A primeira é a de que cada provérbio aciona realmente uma específica paleta de cores. Na impossibilidade de aqui apresentarmos em contraste todos os resultados para todos os provérbios, para o PE e PB, vejam-se os gráficos apresentados atrás para os provérbios 5 e 7, apenas como exemplos. Não pode ser mera coincidência a relativa constância das percentagens para cada cor. E as diferenças entre as paletas evocadas para cada provérbio só confirmam que realmente cada um tem cores maioritariamente evocadas pelos seus valores semântico-cognitivos e que são estes valores que os individualizam cromaticamente.

E que associações semântico-cognitivas justificam as cores acionadas? O significado lexical de uma palavra específica ou o significado global do provérbio?

Há dados para concluir que são as duas realidades. Por exemplo, no provérbio 8 (*Filho de peixe sabe nadar*) parece ser evidente que o domínio absoluto do azul (73%) é acionado por *peixe+nadar>mar>azul* e que este acionamento decorre da referencialidade física e cromática de *mar*. O facto de o verde ser a segunda cor mais referida (8%) reforça o argumento de que são as cores de *mar* que dominam a paleta evocada (Figura 9).

8. Filho de peixe sabe nadar (total)

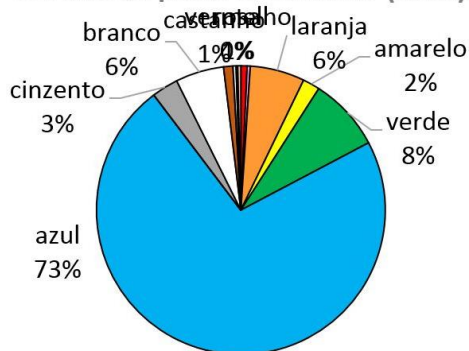


Figura 9

Há ainda um pormenor que reforça o argumento da evocação direta de uma cor por uma palavra específica. Repare-se que uma cor habitualmente muito secundária (o laranja) aparece em 3º lugar, quase com os mesmos valores da segunda. O motivo da evocação até foi referido explicitamente por alguns inquiridos: “o peixe Nemo é cor de laranja”.⁷

Mas há, por outro lado, provérbios que não possuem palavras que individualmente se possam, de uma forma direta, associar a cores, tendo estas que ser motivadas pela semântica global, abstrata do provérbio. Veja-se, a título de exemplo, o provérbio 3. *Quem tudo quer tudo perde* (Figura 10).

3. Quem tudo quer tudo perde PE (total)

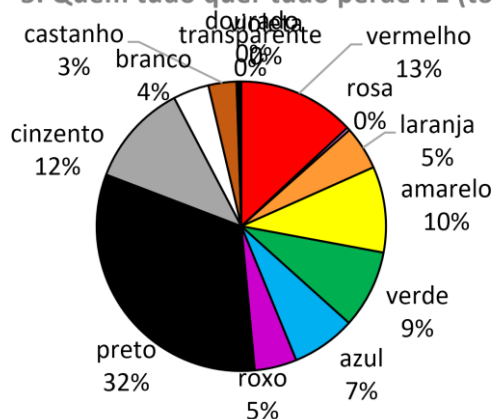


Figura 10

Serão associações sinestésicas (e não de referencialidade de cores de objetos concretos) o que justifica os resultados, já que os valores das cores evocadas provêm de associações não referenciais com qualquer palavra individual do provérbio.

O preto e a sua cor complementar, cinzento, equivalem a 50%, sendo as cores dominantes. E só o são porque conotam os valores [perder] e [tristeza] essenciais ao

preto que o cinzento retoma. Por sua vez, o cinzento aciona os valores de [equivalência]/ [indistinção] que enformam a semântica global do provérbio: querer tudo pode ser equivalente a perder tudo.

O vermelho é a segunda cor mais referida, porque provérbio evoca [ações de risco], [perigo], [desafios], [jogo], [ganhar], valores fundamentais que esta cor aciona (ver esquema da Figura 6).

Se quisermos compreender as cores secundariamente mais referidas (aqui com peso assinalável) temos que pensar que outros valores convocados pelo provérbio são os de [esperança] (amarelo e verde) e a [racionalidade], (azul) da equivalência que o provérbio propõe (querer tudo é arriscar-se a perder tudo)⁸.

Pode argumentar-se que estas conclusões são meramente especulativas porque “não vemos” estas associações a serem construídas na mente. No entanto, a coerência e constância com que se verificam nos resultados obtidos (vista a totalidade dos mesmos) permitem, quanto a nós, tê-las como dotadas de bastante validade e fundamento que ultrapassa a simples especulação infundada.

Uma outra inferência que parece poder confirmar-se é a de que a percepção cor-significado depende um pouco das vivências culturais específicas da comunidade que usa a língua. Assim, os resultados para o Português Europeu (PE) e para o Português Brasileiro (PB), embora genericamente coincidentes, manifestam diferenças não negligenciáveis. As cores para o PB são mais claras. O preto, menos presente. Azuis, verdes, amarelos são sistematicamente mais referidos para cada provérbio no PB (curiosamente as cores da bandeira do Brasil)⁹.

Os resultados permitem ainda muito interessantes apertações para o estudo do funcionamento do significado linguístico e sua relação com os mecanismos cognitivos. Por exemplo, o da validade do conceito de “significado corporizado” (“embodied meaning”: Lakoff 1995, Lakoff & Johnson 1999, Gibbs 2003, Gibbs et al. 2004, Johnson 2012): o significado não é a “caixa fechada” contentora de valores abstratos e comuns a todos os falantes, mas antes constituído por complexos modelos mentais que cada falante constrói através das suas vivências e cognições. Sirvam de exemplo os resultados do provérbio 4. *Amor com amor se paga* observados segundo as faixas etárias dos inquiridos. Se é facilmente compreensível o porquê de o vermelho ser a cor dominante¹⁰ pela sua associação com *amor*, não deixa de ser curioso constatar que esta dominância vai decrescendo com a idade. Para o PE, nos inquiridos da faixa etária 16-25 anos o vermelho ocupa 75%; na faixa etária 26-40 anos, ocupa 71%; na seguinte, 41-

60 anos, apenas 57%; e na dos mais velhos, com mais de 61 anos, fica-se pelos 46% (nas faixas com mais idade, o branco, o rosa e o azul vão ganhando espaço ao vermelho). Será especulação infundada dizer que a percepção do amor se vai alterando com as vivências concretas ao longo da vida e que as associações cor-significado refletem essa alteração concetual? Não é isto o “significado coporizado”, o “embodied meaning” tão caro à Semântica Cognitiva?

Permita-se referir, por último, um aspeto que nos parece relevante fazer ressaltar dos resultados. Eles demonstram que as associações de cor que as palavras e as suas construções (sintagmas e frases) evocam, mesmo quando perspetivadas como sinestésias, não podem ser vistas como associações aleatórias ou anormais. Elas fazem parte, pelo menos maioritariamente, do complexo processo comunicativo das línguas naturais, onde a mente procura estabelecer todas as conexões que facilitem a criatividade de produção e de compreensão desse fenómeno ainda quase desconhecido a que podemos chamar processamento do significado das línguas humanas. E neste processamento, aos tradicionais mecanismos de metonímia e metáfora (juntos na metaftonímia: Goossens 1990; Barcelona 2000) teremos que acrescentar os mecanismos ainda pouco compreendidos da sinestesia. Quanto a nós, a separação poderá ser apenas metodológica, mas não tem fundamento no funcionamento real das línguas. Ou seja, metonímia, metáfora e sinestesia são as evidências de mecanismos cognitivos que funcionam conjuntamente, constituindo um todo. Se cada um se pode individualizar (como o faz a tradição retórica e dos estudos psicolinguísticos), na maior parte das vezes há continuidade e implicação global entre eles. Propomos por isso, complementando o conceito de “metaftonímia”, o conceito de “sintonímia”¹¹ que pretende referir precisamente a continuidade entre estes três mecanismos cognitivos.

3. Conclusão: as cores dos provérbios são as cores da língua

O facto de se usarem nove provérbios muito conhecidos e utilizados quer no PE, quer no PB, não torna os resultados especiais. A utilização da estrutura frásica em forma de provérbio é particularmente útil em inquéritos como este, destinados a aferir o processo semântico das línguas, porque o provérbio é um texto quase autónomo, que depende menos do contexto textual em que se insere do que as outras frases (vamos chamar “normais”) da língua. Esta autonomia semântica permite que as associações cores-significado não sejam contaminadas por contextualizações fortes e que o acionamento

das cores se deva essencialmente aos valores semântico-cognitivos evocados pelos provérbios.

Por isso, as cores que estes provérbios evocam são as cores que as palavras e as frases da língua evocam. Assentando fortemente os nossos mecanismos cognitivos na perceção visual, não será de admirar que as redes semânticas que as palavras e as frases implicam tenham na sua estrutura de funcionamento os valores que experiencial e culturalmente as cores implicam. Utilizamos os provérbios porque pela sua concisão são quase textos completos, dotados de um significado e valor geralmente coincidente entre os falantes. E se o significado coincide, os resultados parecem indicar que este significado se conecta cognitiva e semanticamente com as vivências e os significados-valores que experiencial e culturalmente atribuímos às cores. E a ser isto verdade, talvez devamos olhar com mais atenção para o fenómeno da sinestesia de associação palavras-cores, não como baseados em relações aleatórias e meramente individualizadas, mas como partes de um processo complexo, misterioso e apaixonante a que chamamos mente e comunicação humana.

Notas

¹ Como se pode comprovar, apesar de serem os mesmos provérbios há em alguns pequenas variações nos provérbios 1, 2, 5, 6, 7 e 8: 1PE. *Quem com ferro mata com ferro morre*. PB *Quem com ferro fere, com ferro será ferido*. 2PE. *Mais vale tarde do que nunca*. PB *Antes tarde do que nunca*. 5PE. *O fruto proibido é o mais apetecido*. PB *O fruto proibido é mais gostoso*. 6PE. *Só a morte é que não tem remédio*. PB *Há remédio para tudo, menos para a morte*. 7PE. *Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar*. PB *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando*. 8PE. *Filho de peixe sabe nadar*. PB *Filho de peixe peixinho é*.

² Os dados recolhidos e a respetiva análise linguisticamente fundamentada (sobretudo à luz das ciências cognitivas, especialmente no que toca a aspetos de sinestesia e significado linguístico) não cabem neste texto que agora se apresenta. Procuraremos, aqui, apenas expor alguns dados e resultados que possam dar uma ideia da essência da investigação: tentar provar que há sistematicidade e uma “lógica” cognitiva a nível sinestésico na atribuição de determinadas cores a alguns provérbios “abstratos”, no sentido de não diretamente referentes a cores. Análises mais específicas sobre as dimensões linguístico-cognitivas são apresentadas em textos atualmente em fase de publicação e complementares a este, nomeadamente “As cores no processamento do significado: provérbios e sinestesia”, “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor”, “As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor”, “Colorful ideas sleep cognitively: from mental images and synesthesia to ‘syntonymy’” (“Ideias cheias de cor dormem cognitivamente: das imagens mentais e sinestesia à ‘sintonímia’”). Todos estes textos serão disponibilizados *online* depois da sua publicação em https://repositorium.sdum.uminho.pt/browse?type=author&authority=802&authority_lang=por

³ Apresentamos aqui a globalidade dos resultados para os provérbios 5. e 7. por impossibilidade de apresentar todos os resultados; são o 5. e 7., não por apenas nestes se verificar a sistematicidade, mas para não repetir os dados utilizadas em outros textos em fase de publicação.

⁴ Nas pessoas sinestetas que atribuem cores às letras, embora haja uma enorme variedade de atribuição cor-letra específica, há uma tendência de atribuir o vermelho à letra A.

⁵ Para as redes de valores de cada uma das cores, ver o texto “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor”, em fase de publicação (será disponibilizado *online*).

⁶ Para conferir as cores acionadas em cada um dos provérbios portuguesas, ver o texto “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor”, em fase de publicação (será disponibilizado *online*).

⁷ O peixe Nemo é uma figura de muito sucesso do cinema de animação e que é representado como cor de laranja.

⁸ Para ver os outros valores evocados pelas cores dos 9 provérbios do PE, ver o texto “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor”, em fase de publicação (será disponibilizado *online*).

⁹ Abordaremos este aspeto dos resultados em função das culturas e vivências dos falantes de cada norma do Português em texto a publicar, intitulado “As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor” (será disponibilizado *online*).

¹⁰ Ver o texto “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor”, em fase de publicação (será disponibilizado *online*).

¹¹ Ver a proposta e respetiva justificação em “Colorful ideas sleep cognitively: from mental images and synesthesia to ‘synonymy’” (“Ideias cheias de cor dormem cognitivamente: das imagens mentais e sinestesia à ‘sintonímia’”) em texto em fase de publicação (será disponibilizado *online*).

Referências

- BARCELONA, Antonio (ed.) (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*, Berlin, Mouton de Gruyter.
- BEELI, Gian; ESSLEN, Michaela, and LUTZ, Jäncke (2007). "Frequency Correlates in Grapheme-Color Synaesthesia", *Association for Psychological Science*, Volume 18—Number 9, pp. 788-792.
- BERLIN, Brent; KAY, Paul. 1969. *Basic color terms: their universality and evolution*. University of California Press.
- GIBBS Jr., Raymond W. (2003). "Embodied experience and linguistic meaning", *Brain and language* 84, pp 1-15.
- GIBBS Jr., Raymond W.; LIMA, Paula Lenz Costa ; Francozo, Edson, 2004, "Metaphor is grounded in embodied experience", *Journal of Pragmatics* 36 (2004), pp. 1189-1210.
- GRADY, Joseph Edward. 1997. *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*, University of California, Berkeley.
- GOOSSENS, Louis (1990). "Metaphonymy. The interation of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action", *Cognitive Linguistics* 1-3, 323-340.
- JOHNSON, Mark (2012). *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. University of Chicago Press.
- LAKOFF, George (1995). "Embodied Minds and Meanings", in BAUMGARTNER, Peter e PAYR, Sabine (Edit.), *Speaking Minds — Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*, Princeton University Press.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books
- YOKOYAMA, Takemasa; NOGUCHI, Yasuki; KOGA, Hiroki; TACHIBANA, Ryosuke; SAIKI, Jun; KAKIGI, Ryusuke; KITA, Shinichi (2014). "Multiple neural mechanisms for coloring words in synesthesia", *NeuroImage* 94 (2014), Elsevier, 360–371.

Curriculum vitae

José Teixeira is an Associated Professor at the University of Minho (Portugal). He has a PhD in Linguistics with a work about space, cognition and the Portuguese language, one of the first works on Cognitive Linguistics in Portugal. He has several published papers which can be found and downloaded from the Repositorium of Universidade do Minho

(https://repositorium.sdum.uminho.pt/browse?type=author&authority=802&authority_lang=por).

His main areas of research interest are linguistic meaning and cognition, Portuguese semantics and the language of advertising.

Email: jsteixeira@ilch.uminho.pt